



**Universidade:
presente!**

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	A racialidade como forma de controle do corpo negro
Autor	FRANCIELLY MURIA DOS SANTOS
Orientador	HENRIQUE CAETANO NARDI

A RACIALIDADE COMO FORMA DE CONTROLE DO CORPO NEGRO

FRANCIELLY MURIA DOS SANTOS¹, HENRIQUE NARDI²
1Universidade Federal do Rio Grande do Sul 1– franci.muria@gmail.com 1
2Universidade Federal do Rio Grande do Sul 2 – hcnardi@gmail.com 2

Neste trabalho, são apresentados dados sobre violência policial coletados a partir da pesquisa intitulada “Racismo, relações de saber-poder e sofrimento psíquico (CNPq, PIBIC/Ufrgs)”. A Pesquisa foi realizada nas cidades de Porto Alegre e de Pelotas nos anos de 2016 e 2017. Derivado das análises do material produzido, o presente ensaio tem o propósito de abordar a racialidade como forma de controle do corpo negro. Buscamos aqui problematizar as respostas em relação à violência policial respondida por usuárias (os) negras (os) e brancas (os) do Sistema único de saúde das cidades de Porto Alegre e Pelotas. A interlocução teórica que nos conduz neste debate é feita a partir da articulação entre os dispositivos de racialidade e necropolítica.

A ferramenta metodológica centra-se na análise dos dados de violência policial coletados na pesquisa a partir do instrumento elaborado por BASTOS (2010). E na revisão bibliográfica realizada a partir dos descritores: "violência policial" e "racismo" e os dispositivos de racialidade e necropolítica nas plataformas SciELO e portal CAPES, a partir de 2005.

A questão que impulsionou este ensaio emerge a partir da diferença nas respostas sobre o medo de violência policial entre famílias brancas e famílias negras usuárias do SUS, (48,1%; 24,1%), respectivamente, referente aos seus jovens. Os nove estudos encontrados, no campo da sociologia, demonstram que o marcador social raça/cor é determinante na violência policial. Achille Mbembe (2018) pressupõe em seu ensaio “*Necropolítica*” que a expressão máxima da soberania reside no poder e na capacidade de ditar quem deve viver e morrer. O que se evidencia no receio que as famílias negras usuárias do SUS têm em relação à circulação de seus jovens pelos territórios portoalegrenses e pelotenses. A racialidade é usada a favor da lógica do biopoder e do poder soberano combinados. Este dispositivo proposto por Sueli Carneiro (2005) para analisar a dinâmica das relações raciais no Brasil proporciona a compreensão da atuação dos sujeitos sociais a partir da instrumentalização de suas intervenções. Apesar da população negra representar 18,6% da população gaúcha, a sina de morrer e o medo da morte são sustentados pela estrutura racial. Esta opera através da segunda dimensão da racialidade “ os processos de produção de vitalismo e morte informados pela filiação racial”.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **A Construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 2005.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.** Editora N-1 edições. São Paulo. 2018

SINHORETTO, Jacqueline; MORAES, Danilo de Souza. Violência e Racismo: novas caras de uma afinidade reiterada. **Revista Estudos Sociais. n. 64, abril/jun. 2018.**